

A TRANSDISCIPLINARIDADE NO TRATAMENTO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Fernando Figueiredo dos Santos e Reis¹

Nathalia Ribeiro Rodrigues²

Nicolle Larissa Cristina Moura de Oliveira³

Ruama Silva de Queiroz⁴

Resumo

O presente trabalho foi realizado para uma disciplina curricular obrigatória do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica e possui o objetivo de averiguar a visão que alguns profissionais possuem do trabalho multiprofissional no tratamento com autistas, desta maneira este trabalho é de cunho investigativo e não estatístico. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro profissionais, sendo um psiquiatra, uma fonoaudióloga, uma psicóloga da abordagem holística e um psicólogo da abordagem comportamental, que relataram suas experiências e pontos de vistas que possuem a respeito do transtorno do espectro autista, trabalho em equipe multidisciplinar e os vários assuntos que permeiam suas respectivas práticas clínicas. Verificamos que todos os quatro entrevistados preferem trabalhar em equipe à trabalharem sozinhos, portanto a partir desse resultado constatamos a importância do trabalho da transdisciplinaridade na atuação com pacientes com transtorno do espectro autista.

Palavras-chave: autista, transdisciplinaridade, equipe.

Abstract

The present work was carried out for a compulsory curricular discipline of the psychology course of Unievangélica University Center and has the objective of ascertaining the vision that some professionals have of the multiprofessional work in the treatment with autistic, in this way this work is investigative and not statistical. To that end, semi-structured interviews were conducted with four professionals: a psychiatrist, a speech therapist, a holistic

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de São Paulo e docente do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica. reisffs@gmail.com

² Técnica em química pelo Senai. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nathaliarodrigues@hotmail.com

³ Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nicollemouraoliveira@gmail.com

⁴ Técnica em secretaria escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - campus Anápolis. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. ruamaamapsicologia@yahoo.com

approach psychologist and a behavioral psychologist who reported on their experiences and points of view regarding autism spectrum disorder, work in multidisciplinary team and the various subjects that permeate their respective clinical practices. We verified that all four interviewees prefer to work as a team working alone, so from this result we verified the importance of the work of transdisciplinarity in the work with patients with autism spectrum disorder.

Keywords: autistic, transdisciplinarity, team.

Introdução

O diagnóstico do autismo é clínico, feito através de observação direta do comportamento e de uma entrevista com os pais ou responsáveis. Os sintomas costumam estar presentes antes dos 3 anos de idade, sendo possível fazer o diagnóstico por volta dos 18 meses de idade. Ainda não há marcadores biológicos e exames específicos para autismo, mas alguns exames, tais como cariótipo com pesquisa de X frágil, EEG, RNM, erros inatos do metabolismo, teste do pezinho, sorologias para sífilis, rubéola e toxoplasmose, audiometria e testes neuropsicológicos podem ser necessários para investigar causas e outras doenças associadas.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), publicado pela Associação Americana de Psicologia (APA), propõe que haja critérios padrão para a classificação dos transtornos mentais. O manual, embora possa servir para a orientação de profissionais quanto ao diagnóstico do paciente, não se dedica a explicar a origem dos fenômenos que causam perturbação psíquica, apenas limita-se a descrever os quadros, fornecendo critérios para o diagnóstico de cada um deles, sendo dessa forma criticado por muitos profissionais da área de saúde mental.

Os critérios diagnósticos do Transtorno de Espectro do Autismo, segundo o DSM-V (APA, 2014) são: déficits persistentes na comunicação social e nas interações, padrões restritos e repetitivos de comportamento, os sintomas devem estar presentes na primeira infância e os sintomas causam limitação e prejuízo no funcionamento diário.

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de São Paulo e docente do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica. reisffs@gmail.com

² Técnica em química pelo Senai. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nathaliarrodrigues@hotmail.com

³ Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nicollemouraoliveira@gmail.com

⁴ Técnica em secretaria escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - campus Anápolis. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. ruamaamapsicologia@yahoo.com

O presente trabalho propõe uma investigação sobre como se realiza o trabalho multiprofissional no tratamento com autistas. Para isso, realizamos entrevistas com quatro profissionais que contribuíram para este, relatando suas experiências e pontos de vistas que possuem a respeito do autismo, trabalho em equipe multidisciplinar e os vários assuntos que permeiam suas respectivas práticas clínicas.

O médico G. M. M. que se formou em medicina pela UFTM em 2012, concluiu em fevereiro de 2017 sua residência médica em psiquiatria pela Unicamp e, em seguida, iniciou seu mestrado em Saúde Mental nessa mesma instituição, o qual se encontra cursando. Atualmente, trabalha como psiquiatra de um NASF em São Paulo, como psiquiatra plantonista de dois hospitais privados em São Paulo e em seu consultório particular.

G. M. M. destacou que o autismo é um quadro associado ao neurodesenvolvimento e, portanto tem suas características manifestas logo o início da infância. Os aspectos centrais do quadro são caracterizados por mudanças na interação social e afetiva, com dificuldades para expressar e apreender nuances da comunicação verbal e não verbal comumente utilizados. Além dessas características mais centrais, é comum a ocorrência de alguns sintomas, dentre eles: alterações no desenvolvimento da linguagem; estereotípias motoras; hábitos muito rígidos, com dificuldade de aceitar mudanças no ambiente/rotina; alterações na sensibilidade à dor, o que pode predispor a comportamentos autolesivos; hipo ou hipersensibilidade à estímulos sonoros e/ou visuais; dificuldade na simbolização do brincar; restrições nos interesses; alterações em habilidades motoras, etc.

A fonoaudióloga R. T. M. A., se formou na PUC-GO em 2003, fez uma especialização de disfagia em São Paulo. Atuou como fonoaudióloga na APAE de Anápolis e atualmente faz atendimentos home care, atende em seu consultório particular e atua em um centro de reabilitação da prefeitura de Anápolis.

A psicóloga H. L. S. é formada há 27 anos pela PUC-GO, atua na abordagem holística, é pós-graduada em clínica e adoecimento mental. Trabalha em uma clínica onde

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de São Paulo e docente do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica. reisffs@gmail.com

² Técnica em química pelo Senai. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nathaliarrodrigues@hotmail.com

³ Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nicollemouraoliveira@gmail.com

⁴ Técnica em secretaria escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - campus Anápolis. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. ruamaamapsicologia@yahoo.com

possui seu consultório particular, ministra aulas para cursos de pós-graduação e possui interesse em mestrado.

Segundo H. L. S., autismo se refere a uma condição neuro-comportamental. Ela enfatizou que prefere não classificar o autismo como doença e sim como uma condição da pessoa que o possui. Em sua prática clínica ela relatou que não gosta de se prender ao diagnóstico, reconhece a importância deste, mas procura trabalhar com a pessoa e não com o sintoma.

L. L. é psicólogo formado há três anos e meio pela Faculdade Anhanguera de Anápolis e é especialista em terapia comportamental pela USP. Trabalhou no CRASA na reabilitação intelectual na APAE de Anápolis, onde atuou durante dois anos e meio. Atualmente é professor na Faculdade Anhanguera de Anápolis e trabalha em seu consultório particular.

E define autismo como sendo um transtorno do neurodesenvolvimento sem causa definida ainda. É um transtorno que compromete a criança desde a primeira infância, onde ela vai apresentar déficits na comunicação social e problemas de comportamentos de repetitivos estereotipados, rotinas comportamentais, e pode atrapalhar a criança no seu aprendizado em diversas áreas da vida dela. Tem que ser observado e diagnosticado o mais breve possível pois assim você consegue pensar em soluções mais rápidas.

Atualização de conhecimentos

A função da divisão do trabalho é, enfim, a de integrar o corpo social, assegurar-lhe a unidade. É, portanto, uma condição de existência da sociedade organizada, uma necessidade. Sendo esta sociedade “um sistema de funções diferentes e especiais”, onde cada órgão tem um papel diferenciado, a função que o indivíduo desempenha é o que marca seu lugar na sociedade, e os grupos unidos por afinidades especiais tornam-se órgãos, e “chegar o dia em que toda organização social e política terá uma base exclusivamente ou quase exclusivamente profissional” (Quintaneiro, Barbosa, Oliveira, 2002).

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de São Paulo e docente do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica. reisffs@gmail.com

² Técnica em química pelo Senai. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nathaliarrodrigues@hotmail.com

³ Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nicollemouraoliveira@gmail.com

⁴ Técnica em secretaria escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - campus Anápolis. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. ruamaamapsicologia@yahoo.com

Diante disso, podemos concluir que cada um tem o seu respectivo papel social na sociedade. Cada profissional entrevistado, para obter o papel social que possuem atualmente tiveram que estudar e ingressar em um ensino superior. Esse acesso ao conhecimento pode ser interpretado como um acesso ao poder. E como afirmou o filósofo Francis Bacon, conhecimento é poder. Aquele nos apresenta uma verdade ou um ponto de vista do que seria esta, e como Foucault desenvolveu a respeito, a verdade não existe fora do poder ou sem poder.

A partir disso, se analisarmos as formas de obtenção de conhecimento desde os filósofos gregos, não existe apenas uma relação de poder, mas se trata de uma questão de status e prestígio social que permeia o capital intelectual. Naquele período os filósofos buscavam o conhecimento por meio da contemplação do ócio e seus escravos faziam os trabalhos braçais mais pesados.

Segundo Tosel (1995), citado por Antunes (1999), o maior dilema da ciência é que o seu desenvolvimento esteve sempre vinculado ao dinamismo contraditório do próprio capital. A ciência moderna não pode deixar de ser orientada para a implementação a mais efetiva possível dos imperativos objetivos que determinam a natureza e os limites inerentes ao capital.

A partir disso, percebemos que dos quatro entrevistados, três fizeram especializações em São Paulo, que é um estado no país reconhecido por seu desenvolvimento e produção intelectual.

Tanto o médico e o psicólogo da abordagem comportamental, afirmaram que a atualização de conhecimentos deve ser constante para quem se propõe a trabalhar com autistas. Todos se mantêm informados por meio de livros especializados, revistas científicas e congressos/cursos com pesquisadores da área.

A psicóloga H. L. S. nos informou que sempre atualiza seus conhecimentos quando surge algo que lhe desperta o interesse, procura investigar o conteúdo ou o palestrante de determinados eventos e usa isso para confirmar seus conhecimentos.

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de São Paulo e docente do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica. reisffs@gmail.com

² Técnica em química pelo Senai. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nathaliarrodrigues@hotmail.com

³ Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nicollemouraoliveira@gmail.com

⁴ Técnica em secretaria escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - campus Anápolis. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. ruamaamapsicologia@yahoo.com

Sujeito suposto saber e especialização

Na entrevista com a fonoaudióloga ela esclareceu que a maioria de seus pacientes autistas chega por um anseio dos pais por conta da fala que não veio. Sobre os pais ela informou que muitos chegam muito bem informados em seu consultório “já falando o que você tem que fazer com os seus filhos”, e já exigem um determinado tratamento ou intervenção, e por isso ela sente a constante necessidade de se atualizar.

Além disso, ela informa que é muito importante saber exatamente aquilo que está se falando justamente pra não perder a credibilidade com os pais. Associamos isso ao sujeito suposto saber da clínica psicanalítica, onde o sujeito deve manter a postura de deter o saber. Ela destacou ainda que, “Você tem que manter aquilo que você acredita. De repente o ‘pai’ sai do seu consultório e você quer fazer um monte de cursos. Mas você tem que fazer aquilo que você acredita, aquilo que deu certo. Porque hoje em dia se você ficar pulando de coisa em coisa, você nunca vai ser especialista em uma coisa só”.

Diagnóstico

Sobre o diagnóstico ela informou que possui o cuidado da observação, sua metodologia é justamente deixar o paciente livre para que ela possa observá-lo, ao contrário do método da Análise do Comportamento Aplicada, (ABA - Applied Behavior Analysis) por exemplo, que já tem técnicas definidas e convém ao profissional segui-las. Ela reconhece a funcionalidade desse método e confessa que ele de fato apresenta resultados, porém critica que é mais conivente para pesquisas, uma vez que apresenta um assíduo resultado quantitativo.

Possui o curso do *hanen* que tem abordagem canadense para atuação com o autista e sua família, fez alguns cursos do ABA mas não se considera terapeuta ABA pois não tem essa especialização. Ela conta que prefere levar a criança no armário de brinquedos por exemplo e ver qual brinquedo ela vai escolher pra justamente já perceber o jogo simbólico da

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de São Paulo e docente do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica. reisffs@gmail.com

² Técnica em química pelo Senai. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nathaliarrodrigues@hotmail.com

³ Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nicollemouraoliveira@gmail.com

⁴ Técnica em secretaria escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - campus Anápolis. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. ruamaamapsicologia@yahoo.com

criança. Costuma pedir fotos e filmagens para os pais para ajudar na concepção do diagnóstico. Informou que gosta de avaliar a intenção da criança, pois a intenção já é uma interação.

Ainda relatou que o DSM-V não apresenta alterações na fala como sintoma para o espectro autista e trouxe uma nova classificação para este tipo de disfunção. E a comunicação veio como consequência de outros sintomas. A apraxia da fala na infância (AFI) é um outro transtorno designado pelo DSM-V que segundo ela, se encontra presente em muitos casos de autismo. Atualmente esse transtorno responde muitas lacunas de diagnósticos passados, ela não faz nenhuma crítica a essa nova edição do manual pois, acredita que isso não vai atrapalhar a chegada de seus pacientes ao consultório. Mas como foi estudado ao longo da disciplina de ser psicólogo VI, este manual tem acrescido um número cada vez maior de doenças, e neste caso relatado por ela, percebeu-se que além do diagnóstico de autismo, a maioria dos autistas pode ser diagnosticados com apraxia na fala, que em outras edições do manual era classificado como um dos possíveis sintomas do espectro.

Segundo o psicólogo da abordagem comportamental, os diagnósticos devem ser sempre fechados pelo médico, neurologista ou psiquiatra. Quando o diagnóstico não vem fechado, fica pra uma hipótese. Além disso, ele trabalha sempre repassando um feedback para o médico vigente no caso por meio de relatórios.

O diagnóstico de um transtorno do espectro autista segundo o psiquiatra entrevistado, deve ser bem criterioso, exigindo uma investigação ampla da história de vida, dos marcos do desenvolvimento neuropsicomotor, de alterações orgânicas (eventualmente necessitando de exames de neuroimagem, laboratoriais, cariotipagem, etc), dos comportamentos e da dinâmica familiar. Avaliações neuropsicológicas também ajudam muito na elucidação diagnóstica e no planejamento terapêutico. Ele informa que orienta bem os familiares e a pessoa com autismo que o diagnóstico é só uma referência para o manejo do quadro, mas que cada indivíduo com autismo é único e apresentará aspectos subjetivos que nenhum sistema diagnóstico pode captar. Isso deve ser reforçado e trabalhado sempre no

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de São Paulo e docente do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica. reisffs@gmail.com

² Técnica em química pelo Senai. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nathaliarrodrigues@hotmail.com

³ Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nicollemouraoliveira@gmail.com

⁴ Técnica em secretaria escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - campus Anápolis. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. ruamaamapsicologia@yahoo.com

acompanhamento, para não deixar que a pessoa seja reduzida a um "rótulo" e, conseqüentemente, desapropriada de suas capacidades.

Medicalização

O psiquiatra G. M. M., retrata que atualmente, as medicações são utilizadas em alguns autistas com alterações comportamentais mais graves, por um período de tempo variável, para possibilitar o desenvolvimento de outras abordagens. Exemplos dessas alterações comportamentais são quadros autolesivos intensos, heteroagressividade expressiva e episódios de frangofilia.

Quando questionado sobre medicalização, o psicólogo L. L., informa que prefere não opinar muito, visto que medicar é uma responsabilidade médica. Mas ressaltou que os médicos que ele trabalha são muito bons e propõe uma medicação para facilitar a vida do paciente, em caso, por exemplo, de dificuldades alimentares e para dormir. E ele acrescenta que não vê problema se essa medicação estiver inserida em um contexto de um trabalho bem feito.

A fonoaudióloga R. T. M. A., sobre medicalização informa que a maioria de seus pacientes com esse diagnóstico não são medicados, os mais medicados e que ela sente uma grande diferença são os que possuem diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).

Transdisciplinalidade

Todos os quatro entrevistados preferem trabalhar em equipe à trabalharem sozinhos. Notamos que dos quatro, três tiveram a oportunidade de trabalhar em equipe na APAE de Anápolis, e possivelmente essa instituição pode ter algo que estimule essa concepção em comum desses profissionais.

O psiquiatra G. M. M., informou que “Por ser um quadro que afeta vários domínios da vida da pessoa (e dos familiares), o tratamento multidisciplinar é essencial para

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de São Paulo e docente do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica. reisffs@gmail.com

² Técnica em química pelo Senai. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nathaliarrodrigues@hotmail.com

³ Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nicollemouraoliveira@gmail.com

⁴ Técnica em secretaria escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - campus Anápolis. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. ruamaamapsicologia@yahoo.com

uma melhor abordagem no cuidado do autismo, conferindo um prognóstico muito melhor na aquisição de habilidades. Considerando uma equipe tecnicamente competente e com capacidade de dialogar entre si, sem dúvida prefiro o trabalho em equipe, pois vejo que pode facilitar muito as intervenções no caso, melhorar a abordagem ao indivíduo e o suporte familiar”. Ele informa que a abordagem multiprofissional no autismo sempre traz resultados mais satisfatórios.

A fonoaudióloga R. T. M. A., confessou que prefere trabalhar em equipe à trabalhar sozinha por conta do apoio que recebe, mas ela informou que é preciso ter muita maturidade justamente pra não se deixar levar pelo pensamento de que o colega de trabalho esteja intrometendo em sua área. Ela tem muitos pacientes que indica para um psicólogo, dois médicos e pra uma terapeuta ocupacional, sendo com esta última um contato mais direto, via telefone fazendo exposições dos casos e possíveis prognósticos. Com os médicos ela informa que eles gostam de relatórios de manutenção de pacientes, eles gostam de saber sua percepção, seu ponto de vista, geralmente ela faz não só o relatório inicial mas manda vários depois justamente para estar dando um parecer da evolução ou não do paciente.

Podemos verificar a partir dessa fala, e de acordo com Paul (2005), o problema que surge é que o mecanismo da comparação conduz a um afastamento recíproco dessas diferentes áreas, quando deveria instituir o motivo fundamental para a necessária aproximação entre elas, já que isso não é senão o reflexo do complexo objeto de pesquisa: o ser humano. Assim, pode-se retomar a ideia, que é a de levar um problema não resolvido de uma área para outra área, de modo que possa nascer daí um diálogo.

A psicóloga H. L. S., prefere trabalhar em equipe, pois, afirma que o envolvimento de mais profissionais lhe dá uma contribuição maior, mais segurança e um diagnóstico mais preciso. Atualmente trabalha em uma clínica que possui vários profissionais que por vezes fazem indicações uns para os outros.

Relata que encaminha para diversas áreas e utiliza um encaminhamento por escrito mesmo e por vezes ligação, e mantém a comunicação com os profissionais se

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de São Paulo e docente do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica. reisffs@gmail.com

² Técnica em química pelo Senai. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nathaliarrodrigues@hotmail.com

³ Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nicollemouraoliveira@gmail.com

⁴ Técnica em secretaria escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - campus Anápolis. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. ruamaamapsicologia@yahoo.com

necessário ao longo do tratamento do paciente. Conta que nunca teve dificuldade de estabelecer comunicação com nenhum profissional e atualmente conta com profissionais de sua confiança.

Segundo o psicólogo L. L., não tem como trabalhar com autistas sem trabalhar com equipe multidisciplinar, pois quanto mais profissionais com a criança mais ela generaliza o aprendizado. Quando questionado sobre encaminhamentos ele informa “Bom, acaba que nós temos quase que uma equipe trabalhando em locais diferentes [...] alguns profissionais trabalham na mesma clínica e outros em locais separados”.

Segundo Iribarry (2003), a origem da transdisciplinaridade está situada no trabalho de equipe. Independente da modalidade, pluri, multi, inter ou transdisciplinar. Reconhecemos que essa forma de atuação por meio dos encaminhamentos que todos utilizam se encontra na atuação de uma equipe multidisciplinar, onde não existe uma equipe mas vários profissionais atuando sobre a área da saúde.

A modalidade de equipe interdisciplinar foi reconhecida na APAE pelas falas dos entrevistados, lá existe um coordenador de área e existe um eixo de atuação e todos devem se adequar a ele, inclusive, a instituição promove cursos de especializações para aprimorar os conhecimentos dos profissionais. Reconhecemos a modalidade transdisciplinar principalmente na atuação da fonoaudióloga no centro de reabilitação da prefeitura, ela compartilha seus conhecimentos e associa conhecimentos de outros profissionais com os quais ela possui pacientes em comum. Tem uma coordenadora apenas para organização do espaço e de horários mas não existe hierarquia entre os demais profissionais.

Referências

ANTUNES. R. **Os sentidos do trabalho – ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo. Boitempo. 1999.

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de São Paulo e docente do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica. reisffs@gmail.com

² Técnica em química pelo Senai. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nathaliarrodrigues@hotmail.com

³ Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nicollemouraoliveira@gmail.com

⁴ Técnica em secretaria escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - campus Anápolis. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. ruamaamapsicologia@yahoo.com



CABEZA, M. C. **O Ócio Autotélico**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação. 2016.

CHAVES, A., M. **O fenômeno psicológico como objeto de estudo transdisciplinar**. Porto Alegre. Psicologia: Reflexão e Crítica. 2000. V.13. nº1.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências**. São Paulo: Martins Fontes. 8ª edição. 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1979.

IRIBARRY. I., N. **Aproximações sobre a Transdisciplinaridade: Algumas Linhas Históricas, Fundamentos e Princípios Aplicados ao Trabalho de Equipe**. Psicologia: Reflexão e Crítica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2003. V. 16. pp. 483-490.

PAUL, P. **Transdisciplinaridade e Antropoformação: sua importância nas pesquisas em saúde**. Saúde e Sociedade. 2005. V.14, nº 3, p.72-92.

QUINTANEIRO, T., BARBOSA, M. L. O., OLIVEIRA, M. G. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2002.

ZANON, L. **A estreita relação entre o poder e o conhecimento**. 2012. Disponível em:<<http://webartigos.com/artigos/a-estreita-relacao-entre-o-poder-e-o-conhecimento/83295>> Acesso em 04 de junho de 2017 às 15:40.

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de São Paulo e docente do curso de psicologia do Centro Universitário Unievangélica. reisffs@gmail.com

² Técnica em química pelo Senai. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nathaliarrodrigues@hotmail.com

³ Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. nicollemouraoliveira@gmail.com

⁴ Técnica em secretaria escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - campus Anápolis. Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica. ruamaamapsicologia@yahoo.com